

## A Pertinência da Categoria Singularidade de Adelmo Genro Filho para os Estudos Teóricos em Jornalismo

Felipe Simão Pontes & Francisco José Karam

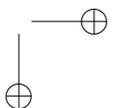
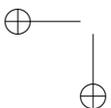
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

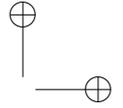
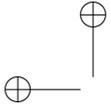
E-mail: felipe271184@yahoo.com.br, fjkaram@terra.com.br

**O** *Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo* de Adelmo Genro Filho (1987) é um dos textos mais citados, mas, contraditoriamente, um dos menos estudados pelos pesquisadores em Jornalismo no Brasil. Estudado aqui não quer dizer apresentado. Costumeiramente, os conceitos de Genro Filho são apresentados sob a perspectiva do pioneirismo e conseqüentemente, tratados aprioristicamente como fundamento e lugar de comprovação para a gnosiologia do Jornalismo. As críticas ao texto resumem-se a apontar as falhas na revisão da bibliografia internacional (especialmente as que tratam do Newsmaking e do Agendamento Temático), os preconceitos do autor em relação a Robert Park e as sentenças de militância marxista consideradas por muitos como politicamente datadas ou fora de moda. Não se encontram análises pormenorizadas capazes de discutir os conceitos, de perceber as filiações teóricas e de tecer as repercussões suscitadas pelas escolhas do autor. Dessa forma o texto torna-se um refúgio, o autor é transformado em um ícone e a teoria, uma fonte inesgotável de eco.

Estudar um texto é impor-lhe (numa adaptação do conceito) o status bachelardiano (1996) de obstáculo epistemológico, ou, apropriando-se de Moritzsohn (2007), imprimir-lhe um constante exercício de suspensão, ou ainda, como um bom repórter, desconfiar. A desconfiança é amiga próxima da dúvida e suscita automaticamente o questionamento. Esse modo de encarar o texto não tem por objetivo negar a validade das proposições de um autor, mas, ao contrário, potencializar suas contribuições, levantar suas ausências e dinamizar essa possível teoria do Jornalismo num autêntico estudo de seus fundamentos.

Assim, objetiva-se tencionar os conceitos sustentados por Genro Filho (1987), questionando as conseqüências de algumas de suas adaptações para o Jornalismo. Especificamente a tese sustentada pelo autor de que o Jornalismo é uma determinada forma de conhecimento fundamentada no ângulo da



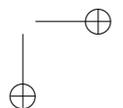
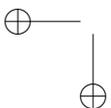


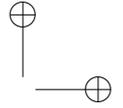
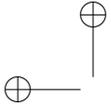
*singularidade*. Esse silogismo é apresentado por Genro Filho com argumentos que justificam a tessitura do texto jornalístico (o modo de narrar), uma teleologia da prática jornalística (a busca constante pelo novo) e uma potencialidade ética inerente a essa prática (o de ser motriz das discussões da sociedade).

As categorias *universalidade*, *particularidade* e *singularidade* possuem sua fundamentação na lógica filosófica aristotélica e percorrem a história do conhecimento até serem dinamizadas pelo pensamento hegeliano. Genro Filho (1987) utiliza essas categorias referenciando o estudo sobre a estética realizado pelo pensador marxista Georg Luckács (1978). Uma categoria não perde a historicidade de sua aplicação filosófica. Por isso, a lógica e as decorrentes atribuições éticas, estéticas e teóricas dessas categorias (como de qualquer outro conceito) são historicamente epistemológicas e, por isso mesmo, quando suscitadas no âmbito do jornalismo, trazem soluções e lacunas compartilhadas com outras circunstâncias de sua aplicabilidade filosófica.

Conseqüentemente, o debate específico sobre as categorias da *universalidade*, *particularidade* e *singularidade* trazem em seu bojo as histórias e os debates do *conhecimento*, da *razão*, da *dialética* e da *retórica*. Todos os conceitos decorrentes dessas tradições filosóficas são colocados por Genro Filho (1987) em confronto com categorias jornalísticas que ainda estão em formação teórica tais como *fato*, *notícia*, *reportagem*, *jornalista* e *jornalismo*. As considerações decorrentes de tal união são inúmeras e cabe ao interesse de cada pesquisador o corte e o aprofundamento pertinente. Para o interesse deste estudo, busca-se compreender como Genro Filho uniu esses conceitos, recuperou autores e convergiu caminhos diferentes (éticos, estéticos e lógicos) para constituir uma teoria do jornalismo e, com isso, tentar justificar uma *força de síntese* que particulariza esse campo de saber.

Genro Filho (1987, p. 160) acredita que, ao contrário do que acontece com a obra de arte, as categorias *singularidade*, *particularidade* e *universalidade* podem fornecer um axioma para a teoria do jornalismo. Mais especificamente, ele vai afirmar que o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizada no *singular*, ou seja, o movimento lógico de seu saber caminha do *universal* para o *singular*, fazendo desse último o objetivo fim dessa modalidade de conhecer. Assim como Lukacs faz com a categoria *particularidade* na arte, Genro Filho acredita que a *singularidade* é o momento que sintetiza e supera a *particularidade* e a *universalidade* no ato de produção de um conhecimento jornalístico.

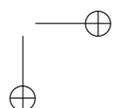
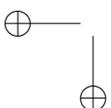




Nesse caso, o resultado da produção jornalística difere tanto do produzido pela Ciência quanto do produzido pela Arte (como propõe Lukacs), já que aquela está interessada em revelar na *singularidade* as situações típicas e as categorias *universais*. A proposição de Genro Filho (1987) permitiria inferir que há três movimentos possíveis para o conhecimento no jornalismo: do *universal* para o *singular*, do *particular* para o *singular* e do *singular* para o *singular*, sendo esse último movimento o encontro por excelência do jornalismo. O fato *singular* captado por esse modo *singular* de conhecimento seria o tipo ideal de toda a prática jornalística. Tal inferência justificaria categoricamente o famoso jargão de que todo jornalista trabalha sob o império dos fatos, ficando a seu encargo refleti-lo com fidelidade. Como pressuposição lógica da formulação de Genro Filho, poderíamos concluir rapidamente que o trabalho do jornalista é totalmente empírico.

Contudo, não é desse modo que Genro Filho coloca sua lógica. Isso porque ela não está sozinha em sua formulação, mas está acompanhada da Dialética e da Ética e conseqüentemente da Política e da Retórica. A teoria de Genro Filho não está preocupada apenas em perceber se as proposições textuais do jornalista são totalmente condizentes com a realidade que eles afirmam relatar, o que conduziria o interesse para as pesquisas de Lógica, principalmente as interessadas em estudar quais são as sintaxes que organizam (ou deveriam organizar) os discursos jornalísticos na reprodução de um fato ocorrido na realidade.

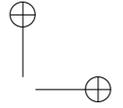
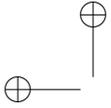
Genro Filho está interessado em perceber como essa *singularidade* jornalística opera em um contexto *particular* e *universal* dado, o Capitalismo, e como a prática do jornalista predispõe um agir dialético capaz de contextualizar e demonstrar as contradições que permeiam a emersão dos fatos e de apontar possíveis saídas para que a mudança aconteça. Esse interesse condiz com o interesse ético já predisposto na razão prática kantiana e principalmente pelo projeto político de Marx. Conseqüentemente, é no potencial *singular* do jornalismo, com um projeto ético e político possibilitado pela concepção dialética, que uma força retórica é estabelecida e, assim, a mudança de perspectiva é possível. Um projeto revolucionário que não tem por característica a tomada do poder, mas que teria por missão dar ao público as condições para perceber as contradições legitimadas na realidade e para reagir a elas. Nesse aspecto, o potencial revolucionário de Genro Filho passa, sem dúvida, pelo engajamento do jornal com as causas do seu público.



Portanto, a centralidade da *singularidade* para o jornalismo que caracteriza a teoria de Genro Filho está subordinada à passagem pela *particularidade* e *universalidade* para o posterior retorno à *singularidade*. O fato precisa ser confrontado com o contexto, com a intertextualidade de outros fatos e com a *totalidade* histórica para posteriormente materializar-se no texto. Como resultado da descrição das características do Jornalismo, o autor indica que toda notícia é o resultado de uma produção. Como orientação ética, a *singularidade* que se apresenta no texto jornalístico deve estar norteada pelo pensamento crítico, resultando no movimento dialético que leva o jornalista da superfície do fato para a concretude desse mesmo fato. *Descrever e prescrever*, um autêntico manual teórico do jornalismo.

Para a teoria de Genro Filho, a ação do jornalista é materializada pelo texto jornalístico. Por isso, é o texto o meio de comprovação que o autor utiliza para testar sua teoria. Nisso, talvez, esteja uma das proximidades da proposta de Genro Filho e de Lukacs: ambos estão interessados em demonstrar como a forma de uma obra no caso a jornalística cristalizada no *lead* indicia como uma prática aborda seu objeto. Além disso, a obra é o meio pelo qual tanto o artista como o jornalista sintetiza a realidade retratada e o exercício de apreensão dessa mesma realidade. Genro Filho tenta demonstrar que a estrutura do texto revela a importância que têm para o Jornalismo a busca pela *singularidade* impetrada pelo jornalista e os fatos singulares que acontecem na realidade. A *pirâmide em pé* proposta pelo autor, figura pela qual descreve sua teoria, aponta que um texto informativo jornalístico parte da *singularidade* - como característica primeira do jornalismo - para *particularidade* e a *universalidade*, horizontes em que são reconhecidos o engajamento ético e a capacidade de contextualização crítica do jornalista.

Nessa relação entre texto e ação dos jornalistas, a proposta de Genro Filho está fundada sobre as longas tradições do *Conhecimento*, da *Lógica* e da *Dialética*. Suas escolhas teóricas desenham um percurso que evidencia a filiação teórica marxista e hegeliana, ao mesmo tempo em que traz consigo marcas de outras tradições tais como os da lógica formal, do empirismo, do racionalismo, do idealismo kantiano e dos gregos. Genro Filho coloca a teoria do Jornalismo dentro de uma grande reflexão teórica, que vai questionar constantemente as suas escolhas e as escolhas de quem o lê e o estuda. Cabe agora testar algumas de suas propostas, confrontá-las com a realidade dessa prática e verificar se a *singularidade* é uma categoria epistemológica para es-

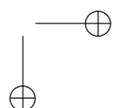
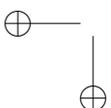


tudar todo o Jornalismo e não apenas o informativo, todos os gêneros e não apenas a notícia.

### **Pormenores da Singularidade como Categoria Teórica do Jornalismo**

A proposta teórica de Genro Filho (1987) possui o mérito de sistematizar os limites de uma visão instrumental positiva e de uma crítica niilista do Jornalismo. Para isso, acredita no Jornalismo como uma atividade que não se limita ao modelo capitalista, que não trabalha apenas para alimentar o *status quo* e que possui uma importância política e social para a Democracia de fato e de direito. Ainda que essas características sejam mais políticas e éticas do que propriamente teóricas, tal disposição é importante para que o autor não se preocupe em apenas criticar o que é feito pelas empresas jornalísticas e se atente a entender o Jornalismo em suas regras como uma potencialidade para reverter um cenário dominado pelo Capitalismo. Essa busca por compreender o fenômeno jornalístico é permeada pela concepção do Jornalismo como uma forma de conhecimento. É, portanto, junto de uma discussão política que Genro Filho deduz sua abordagem teórica.

Como pressupõe Marx, não é na visão do *estar* do Jornalismo que Genro Filho estabelece sua teoria, mas no movimento do *dever estar* dessa atividade, que configura, na verdade, o potencial da sua natureza. Contudo, diferentemente de outros autores marxistas como Cremilda Medina (1986) e Ciro Marcondes Filho (1986), Genro Filho não vê na *singularidade*, na busca pelo acontecimento, pelo novo e pelo que é de maior destaque o *estar* do Jornalismo, mas o próprio *ser* do Jornalismo. Para uma crítica marxista, esse deslocamento de Genro Filho poderia configurar-se como uma naturalização, uma *reificação* da aparência como real, não levando em consideração o movimento dialético que leva ao concreto, no caso, todo o contexto ilusório do Capitalismo que se consubstancia na notícia. A resposta do autor veio sob a concepção da *singularidade*. Tomando a teoria hegeliana via Lukacs, o autor insere a dialética na discussão, revelando na *singularidade* jornalística um potencial *particular e universal*. Nesse caso, Genro Filho desloca a discussão política da *singularidade* propriamente dita para a relação dessa com a *particularidade* e a *universalidade*. O que significa dizer que não é apenas na es-

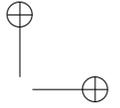
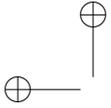


trutura do lead, da manchete e dos fatos de destaque que a discussão política e a potencialidade revolucionária deve ser travada, mas no direcionamento deles a uma particularidade política e a uma universalidade ética.

A categoria *singularidade* concede à teoria marxista de Genro Filho um caminho duplo. Por um lado permite a explicação do Jornalismo a partir da materialidade de sua produção, no caso, a partir dos textos, da estrutura das matérias, dos critérios de noticiabilidade etc. Por outro, incide sobre a postura do jornalista em relação ao contexto e a uma ética imanente. Tomando de Kant o idealismo da razão prática e trazendo-a para a materialidade das ações cotidianas e políticas, Genro Filho indica um dever ser do jornalista, já que este deve realizar um constante exercício de esclarecimento através de seus textos. Portanto, a *singularidade* proposta por Genro Filho se constitui em uma *força de síntese* que une as características dos produtos jornalísticos com o estabelecimento de uma conduta ética do jornalista. A *singularidade* torna-se material no texto e nas ações do jornalista e categórica (abstrata) no vínculo que une essa materialidade. Assim, está consumada uma teoria do Jornalismo e teoricamente justificada sua estrutura marxista.

O estudo da cristalização do *singular* aponta para muitos questionamentos, alguns deles tratados por Genro Filho. Muitas das dúvidas podem ter suas respostas indiciadas a partir da conceituação que a *singularidade* recebe na teoria proposta. A cristalização do *singular* se dá a partir de uma forma do texto jornalístico ou está no conteúdo por ele tratado? Os critérios de noticiabilidade não seriam uma particularização ou universalização dessa relação *singular* do jornalismo? Como o lead, caracteristicamente descritivo, torna-se o epicentro do *singular* e dispositivo para sua contextualização e conseqüente epistemologização? Como que o impacto estético da narrativa ficcional e do imagético são entendidas no conceito de *singularidade*? Essa teoria só pode ser aplicada ao texto informativo? Em que medida o opinativo possui a dimensão do singular, visto que ele também é jornalístico?

Seguindo o que aponta Genro Filho (1987, p. 195), a ação do jornalismo caminharia do *universal* para o *singular* e o texto jornalístico faria o caminho de volta, tendo como fundamental a particularização e por horizonte o *universal*. Portanto, trata-se de um método dedutivo na averiguação dos fatos e indutivo na sua exposição. A centralidade da *singularidade* se dá como lugar final de toda a produção jornalística, tanto da pauta, quanto das rotinas de produção, da política editorial e dos critérios de noticiabilidade como

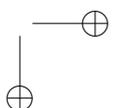
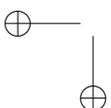


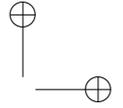
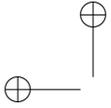
forma de enquadramento. Nesse caso, tais ações são parte da *particularidade* do jornalismo enquanto prática, determinadas pela sua história, pela estrutura da redação, pelo espaço e pelo tempo em que o jornal está inserido. Em outro aspecto da visão do autor, a preocupação do jornalista em olhar para a *singularidade* com um imperativo ético e um interesse crítico frente ao Capitalismo representa, respectivamente, a *universalidade* e a *particularidade*. Essa preocupação interfere diretamente na formulação da pauta, no modo de apuração, na escolha das fontes e das vozes que constituirão o texto.

Por outro lado, a *singularidade* apresentada pelo destaque no texto é o dispositivo do conteúdo em seu poder de indução. O olhar pela *singularidade* de um fato serve para indicar as mudanças, os problemas e a constante atualização de questões contextuais. O *singular* está na conformação da materialidade do cotidiano com as categorias da apuração jornalística. Essa seria a cristalização no *singular*. O *singular*, portanto, é a forma do jornalismo e não o seu conteúdo<sup>1</sup> (GENRO FILHO, 1987, p. 81). Já os *critérios de noticiabilidade*, por seu turno, estariam no processo dedutivo de captação desse *singular* e estariam representados pelo poder de *gancho* que um fato possui com um assunto contextual e um *interesse humano*. Assim, os *critérios* fariam parte das ligações que permitem a relação do *singular* com o *particular* e o *universal*. Nota-se, porém, que essa característica vincular entre o *singular*, o *particular* e o *universal* proporcionado pelos *critérios de noticiabilidade* não são necessariamente elementos de contradição e não se apresentam como mecanismos da ação dialética do tipo hegeliana. Diferentemente do que pensa Genro Filho (1987, p. 81) ao colocar entre parênteses a palavra contraditoriamente para designar que o valor da notícia depende da *universalidade* que ela expressar.

Esse lugar de encontro do final da dedução produtiva com o início da indução informativa é preenchido por Genro Filho (1987, p. 196) pelo *lead*,

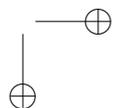
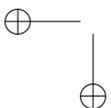
<sup>1</sup> Contudo, cabe destacar que, pela fundamentação proposta por Genro Filho, isso não significa que a forma não faça parte do conteúdo. Como aponta Hegel (1830, p. 253) e Genro Filho toma as categorias de Lukács que, por sua vez, inspira-se em Hegel -, o conteúdo traz em si uma forma latente e se relaciona com uma forma que lhe é exterior. Digamos que os conteúdos veiculados pela imprensa trazem uma forma latente que determinaria a sua existência no mundo, como um referente externo ao texto, uma totalidade referencial como indica Hegel e que os marxianos irão chamar de concreto. Por outro lado, essa forma que é exterior ao conteúdo capta-lhe uma parte dessa totalidade, trazendo nessa parte, informações do conteúdo (totalidade concreta) e particularidades dessa exterioridade que o traduz para a realidade.

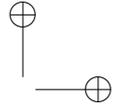
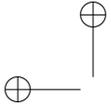




definido como princípio organizador da singularidade. Para analisar essa proposição, cabe uma rápida reflexão sobre as perguntas do lead, comparando-as com as categorias básicas de Aristóteles (2005), para, na seqüência, esmiuçar esse epicentro da *singularidade*. No *Organon*, Aristóteles (2005, p. 41) aponta que cada uma das palavras ou expressões não combinadas que existe na linguagem responde às seguintes perguntas: o que (a substância), quão grande, quanto (a quantidade), que tipo de coisa (a qualidade), com o que se relaciona (a relação), onde (o lugar), quando (o tempo), qual a postura (a posição), em que circunstâncias (o estado ou condição), quão ativo, qual o fazer (a ação), quão passivo, qual o sofrer (a paixão). O lead jornalístico possui alguns dos elementos básicos propostos por Aristóteles. O *que*, *quem*, *quando*, *onde*, *como* e *por que* são perguntas que buscam captar o que há de mais elementar em um determinado fato do cotidiano. Pode-se dizer que *o que* é a pergunta sobre a própria substância do fato. O *quem* não possui correspondente nas categorias básicas de Aristóteles visto que é uma pergunta subsumida ao *o que*. O *quem* representa o interesse humano com que o jornalismo dá nome aos seus personagens e responde a uma parte do fato, já que esse é, em sua maioria, obra humana<sup>2</sup>. Para Aristóteles, que não tinha interesse jornalístico, o *quem* está dentro do *o que* porque o homem é uma substância da natureza. O *quando* e o *onde* estão em relação direta com a proposição de Aristóteles, e possui vínculo jornalístico na intuição natural de que todo fato acontece em um espaço e tempo. Esses dois elementos são, praticamente, *imperativos categóricos* do jornalismo (ao modo kantiano), visto que respondem a uma intuição natural em que os fatos ficam assentados. A *ação* e a *paixão* propostas por Aristóteles estão diretamente relacionados com os verbos, por isso mesmo, estarão sempre presentes no lead jornalístico. A *quantidade* e a *qualidade* estão entre os elementos que sempre aparecem no texto jornalísticos, ainda que os manuais de redação apontem que o jornalista deve evitar adjetivos e advérbios. Em muitas matérias, o mais importante e singular não é o fato propriamente, mas o número de pessoas envolvidas ou a qualidade desse fato. O *como* do lead jornalístico tem por função conectar todos os elementos já citados em busca da pormenorização do fato. Ele está vinculado diretamente com *as circunstâncias* e com a *posição*. A *posição* seria a unicidade

<sup>2</sup>O jornalismo está tão preocupado em perceber o interesse humano nos fatos que na maioria dos casos em que não há intervenção do homem, ele humaniza as ações da natureza.

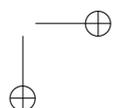
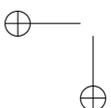




que uma *substância* possui em um *lugar* e *tempo* determinados, envolvendo uma *qualidade* intrínseca e com uma projeção para a *relação* que estabelece. Se o *como* serve para singularizar ainda mais os demais elementos do lead, o *por que* é a vinculação desse fato com os outros fatos e a um contexto que o antecede. O *por que* possui a propriedade de *particularizar* esse fato, de justificá-lo e de lançar luz sobre novos problemas, novos fatos encadeados ao primeiro. É o *por que*, inferindo a partir do que Genro Filho propõe, que irá estabelecer a conexão de um caso *singular* com a *particularidade* e a *universalidade*. Ele possui uma ligação com a categoria *relação*. O *por que* é o espaço discursivo aonde a *particularidade* e a *universalidade* irão se alojar no seio da *singularidade*.

Todos esses elementos estão claramente dispostos em um texto jornalístico, assim como estão em qualquer narrativa. O que diferencia o jornalismo estruturado pelo *lead* é uma prevalência de destaque para o *que* sobre as demais perguntas. É uma preferência dessa forma pela mimese estrutural do fato, a substância do acontecimento, uma naturalização do que é externo ao texto. No *lead* todos os outros elementos contextualizam e compõem o *que* em sua materialidade de *fato*. Contudo, uma ressalva importante precisa ser feita a essa afirmação. O *como* e o *por que* extrapolam o *lead* como potencialidade. Os textos que evidenciam mais o *como* sensacionalizam a matéria, visto que a singularizam ainda mais. Os que se preocupam mais com o *por que* tendem a particularizar o fato, contextualizá-lo. Genro Filho concede ao *lead* o título de epicentro do singular desde que o *por que* esteja em seu horizonte imediato. É no *por que* que o debate deontológico se materializa no texto e é aí que se localiza o potencial político revolucionário do Jornalismo que quer Genro Filho. O *por que* localizado na *singularidade* característica do Jornalismo e no seu epicentro pode servir para indiciar o *concreto* diante do superficial e naturalizado o *que*.

Diante da demarcação dessa estrutura formal, a proposta teórica de Genro Filho parece comprovar que o jornalismo informativo é um tipo de conhecimento que volta sua produção para a *singularidade*. Porém, essa mesma *singularidade* está envolvida numa prerrogativa da ação do jornalista que precisaria particularizar o fato. Tal ação deixa uma questão importante, visto que seria a *singularidade* um tipo de conhecimento que demarcaria a ação jornalística ou seria a *particularidade* que realmente determinaria o conheci-

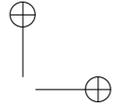
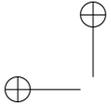


mento, sendo a *singularidade* um elemento estético ou retórico que apenas dá a forma ao texto, servindo muitas vezes apenas como adereço?

Liriam Sponholz (2007, p. 07) indica que o conhecimento do Jornalismo no ato da produção está caracterizado pela busca constante por singularizar o fenômeno, de torná-lo único, dando nome às pessoas, apontando a unicidade do fato, descrevendo suas circunstâncias peculiares para compor a manchete e a estrutura do texto. Todavia, o jornalismo informativo diário não torna o fato único, a não ser na sua relação com o espaço e com o tempo (como já propunha Kant denominando ambos como imperativos categóricos da sensibilidade). As pessoas recebem seus nomes, mas ainda estão envolvidas por uma narrativa generalista. Tomando o exemplo da pesquisadora, Pedro Silva, motorista de caminhão, 35 anos, pai de dois filhos, com uma jornada de trabalho de 16 horas por dia, se acidentou na rodovia BR-X, que se encontra em um estado precário e não sofre reparações desde 1985. Pedro Silva está consideravelmente subsumido a um texto que está mais preocupado com a situação dos motoristas que trabalham 16 horas e daqueles que viajam por uma rodovia que não recebe manutenção do governo. O caso dele é mais exemplar de uma situação generalista do que singular em sua dimensão de conhecimento. O acidente não é encarado como um fato que acontece sem uma repetição (provavelmente a seqüência da matéria é direcionada para outros casos de caminhoneiros que trabalham 16 horas por dia e de acidentes que acontecem na mesma estrada).

Ao contar a história de Pedro Silva, o Jornalismo recupera a história de milhares de caminhoneiros que vivem a mesma situação e de milhares de motoristas que sofrem com os mesmos riscos e com as conseqüências da falta de conservação da estrada. Os detalhes do acidente evidenciam o que a falta de uma regulamentação para a carga horária de trabalho diária causam e o dano que um buraco na estrada provoca. O caso dele é singularizado para chamar a atenção para os problemas *particulares*. Já o ano de 1985, como a data da última reforma irá chamar a atenção do leitor não só por ser o *por que* do acidente, mas também por ser o *como* do *por que*. Ou seja, há mais *singularidade* no contexto do que no acidente, no fenômeno.

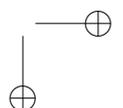
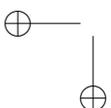
Outro exemplo trazido por Sponholz (2007, p. 08), é o caso de um jornalista que vai entrevistar três pessoas no Serviço de Seguro-Desemprego para contar suas histórias, mostrar como elas perderam o emprego e como estão vivendo essa situação. Os casos dessas pessoas, no Jornalismo informativo,



servem muito mais para *ilustrar* a situação de milhões de pessoas que passam pela mesma situação. Matérias com esse viés ilustrativo são muito comuns no Jornalismo e atentam para problemas estruturais. Ou seja, elas existem muito mais como contextualização do que como factuais. O *por que* é o lead que motiva toda a matéria e o *que* está subsumido ao seu império. É possível demonstrar que, ainda que a entrada da notícia seja pela *singularidade* de um fato, o conhecimento que o jornalismo quer transmitir, em grande parte dos casos, está na *particularidade*, na regularidade com que esse fenômeno acontece. Retomando a frase já citada acima, a *singularidade* está na forma do texto e não na forma de conhecimento.

Existe ainda uma ligação muito forte entre a *singularidade* e as matérias de *interesse humano* (HUGHES, 1940). Charles Dana, editor de jornais do final do século XIX, afirmava que uma boa matéria é aquela que provoca sensações no leitor. E tais sensações, como atesta Hughes, são, em grande medida, as armas que o jornalista possui para conquistar mais leitores e, ao mesmo tempo, trazer suas atenções para fatos de relevância que precisam ser discutidos. Humanizar um fato em alguns casos é resgatar no acontecimento as circunstâncias que *singularizam* o quem da notícia, buscando aproximar o leitor pela máxima do poderia ser com você. Em outros, é transmitir curiosidades e amenidades que tenham por objetivo entreter, informar e emocionar, como o caso do cachorro que salvou a menina do incêndio ou de uma prática cultural dos moradores de uma cidade italiana que passa um dia todo numa frenética guerra de tomates.

Com o objetivo de sensibilizar e chamar a atenção, os jornais impressos americanos do final do século XIX passaram a realizar grandes chamadas, trabalhar a diagramação para dar mais destaque a um tipo de matéria do que a outra, definir uma capa e estampar grandes fotos nela. Essa forma não se restringe apenas aos dias em que um grande acontecimento irrompe, mas torna-se regra e direciona toda a produção do jornalismo (SCHUDSON, 1978). Mesmo que as matérias não sejam factuais e singulares, elas passam a receber essa fórmula de apresentação: manchete e foto na capa, título, gravata, hierarquia na página, abertura e lead. Tudo para cristalizar o texto no singular, ainda que o fato não tenha essa dimensão. Como ilustra Lippmann (1922, p. 183), para conseguir as notícias singulares, os jornalistas particularizam o espaço do jornal e o modo de apuração das matérias a partir de editorias. Alguns repórteres cobrem as instituições de decisão política, outros as dele-

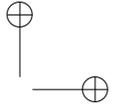
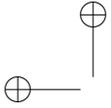


gacias, outros a bolsa de valores etc. Essa fórmula é geral no jornalismo e isso acontece até hoje independente do meio tecnológico pelo qual o jornal é veiculado. Mesmo quando não há acontecimentos relevantes novos, a editoria terá matérias informativas e praticamente todas serão valorizadas como *singularidade*.

Todas essas colocações servem para questionar, dentre as matérias informativas, como a *singularidade* estrutura logicamente o Jornalismo. O que é possível indiciar é que, em alguns casos, a *singularidade* está apenas na estrutura de texto e serve para os jornalistas justificarem a retórica de atualidade, unicidade e importância. Em outros, o jornalista buscará casos unívocos com a intenção de ilustrar uma determinada *particularidade*. Aqui, a *singularidade* não está nem em uma visão teleológica, visto que a finalidade do conhecimento não está no exemplo, mas em uma condição contextual. Na maioria das questões particularizadas, inclusive, o jornalista destaca a *singularidade* de um caso com o intuito de sensibilizar o leitor, colocando o *interesse humano* como prerrogativa do destaque. E, em outras circunstâncias, a *singularidade* está na evidência de uma situação particular e contextual que é inusitada e que não é compreendida ou informada para o público. Ou seja, quando colocado pelo viés da produção, da prática do jornalista, o axioma de Genro Filho não é a regra para todos os casos.

Outro aspecto fundamental para a análise do texto de Genro Filho (1987) é a definição de Teoria do Jornalismo como Teoria da Notícia. É importante verificar se a notícia é compreendida por ele como gênero específico ou como uma intriga particular do jornalismo que está presente em todos os textos jornalísticos independente do gênero. Considera-se o gênero notícia como um tipo de texto informativo com uma estrutura lingüística construída para privilegiar a informação impessoal, referencial, factual e nova. Por sua vez, a notícia sendo uma *intriga*<sup>3</sup> de todas as modalidades de texto jornalístico pode ser conceituada como a capacidade de estabelecer uma relação de novidade entre o objeto narrado e o público leitor em um determinado contexto através de um produto jornalístico (jornal, revista, radiojornal, telejornal, sítio de notícia etc) e em qualquer gênero ali disposto que tenha por objetivo maior a informação. Pode-se dizer que na primeira concepção a *notícia* é um tipo

<sup>3</sup>Baseado na Arte Poética de Aristóteles (1998) e em Ricouer (1994, p. 59-60), intriga pode ser definida como a representação de uma ação a partir de um determinado encadeamento dos fatos.

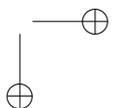
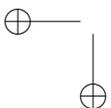


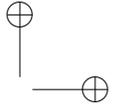
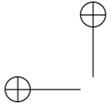
de fôrma na qual o conteúdo é encaixado para ser lido pelo público; já na segunda, a *notícia* seria um conceito abrangente que figuraria como o motivador de toda a prática jornalística: da atividade profissional, do texto (e sua variedade de gêneros), dos leitores e dos demais agentes.

A notícia é considerada pelo autor como a unidade básica de informação do Jornalismo. Ela teria sua motivação e origem no Capitalismo e se constituiria como um produto industrial. Genro Filho preocupa-se em descrever a notícia ao caracterizar o lead como sua estrutura básica e em propor uma Teoria da Notícia ao fundamentar que a notícia caminha do *singular* para o *particular*. Nesse caso, ele acredita que o triângulo equilátero fornece o modelo da estrutura epistemológica da menor unidade de informação jornalística: a notícia diária. A igualdade dos três ângulos desse triângulo indicaria um equilíbrio entre a *singularidade*, a *particularidade* e a *universalidade*. Independente da ideologia existe um grau mínimo de conhecimento objetivo que é proporcionado por esse equilíbrio, e que faz com que o Jornalismo se efetive como *forma de conhecimento*.

A notícia diária, indubitavelmente, é um gênero. Contudo, essa relação equitativa entre a *singularidade*, a *particularidade* e a *universalidade* constitui um modelo para o entendimento dos demais gêneros. O que é possível inferir na metáfora de Genro Filho é que todos os gêneros se afastam em certa medida da natureza jornalística conforme se afastam da notícia diária que apresenta o fenômeno e o contextualiza adequadamente. A reportagem pode ser representada com um triângulo de base mais larga, porque a contextualização é maior. A periodicidade também interfere, já que uma notícia semanal ou mensal também terá a base maior. O gênero opinativo não é sequer citado e a entrevista também não é lembrada.

É importante notar que para Genro Filho (1987, p. 66), a *singularidade* e a *particularidade* estão assentadas no eixo de um discurso objetivo da realidade e da *imitação estrutural da ação* (Ricouer, 1994, p. 89), ou seja, fortemente assentado na referência. Essa postura do autor é demonstrada quando colocada diante do texto jornalístico opinativo que também pode revelar um fato e contextualizá-lo a partir de argumentos não necessariamente objetivos. Uma charge consegue, ao mesmo tempo, representar um fato que aconteceu, ter uma grande carga contextual e ainda provocar o riso. Uma entrevista com pessoas que passaram por circunstâncias de guerra tem o poder de revelar fa-



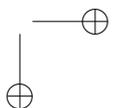
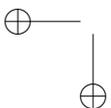


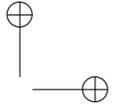
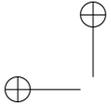
tos e ser notícia à medida que revela imaginários e um mundo simbólico que se torna mais notícia do que um novo ataque.

A *singularidade* dos fatos jornalísticos não está apenas na estrutura da ação caracterizada pelo *lead* e pelo gênero notícia, mas, também na capacidade do jornalista em articular essa ação reconhecendo a carga simbólica e cultural que lhe é subjacente. Isso não é possível apenas no método descritivo e objetivo. É também na *singularização* de aspectos simbólicos que constituem o fato que o jornalismo investigativo e a reportagem tornam-se obrigatórios, que o texto de opinião traz a polêmica, que a charge sintetizará com humor a contraditoriedade, que a crônica revelará muitas das novas conseqüências que a notícia ainda não previra. É possível deduzir essa dimensão subjetiva e simbólica que inclui outros gêneros e práticas do Jornalismo a partir das próprias considerações do autor acerca do fato.

É a dimensão objetiva da singularidade que diferencia o jornalismo da arte.  
(...) Mas é também, a margem colocada ao sujeito para atribuir sentido à atividade social e, portanto, para atribuir significado aos fenômenos objetivos, que situa o jornalismo na contextura referida anteriormente, isto é, frente àquela duplicidade objetiva-subjetiva dos fatos que ele trabalha.  
(GENRO FILHO, 1987, p. 66)

Provavelmente, Genro Filho responderia que esse papel de retratar o simbólico está ligado à contextualização, ou seja, à dimensão *particular* da estrutura do texto jornalístico. Porém, o que se está tentando operar é um possível corte no vínculo estabelecido pelo autor entre o caminho da formação do conhecimento jornalístico, a estrutura modelar do texto jornalístico e os seus critérios de hierarquia de importância para publicação ou não de um fato. O que se quer demonstrar diante de uma imensa produção jornalística, com uma variabilidade de gêneros e formatos, com temáticas diversas, com a segmentação, com a proliferação de fontes alternativas para a produção e circulação de informações, com novos recursos estilísticos e de reportagem é que a *singularidade* teria uma potencialidade muito mais ampla se articulada a todos os gêneros textuais do Jornalismo. Isso pode acontecer diante de um deslocamento a partir da situação proposta acima, hipotetizando que a concepção de *particularidade* e *universalidade* trabalhada por Genro Filho quando trazida para ilustrar o potencial simbólico do fato reportado gera uma



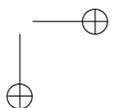
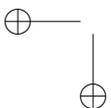


outra *singularidade* essa jornalística na concepção ampla desse termo - que pode ser chamada de *segunda singularidade*.

Essa *segunda singularidade* pode ser conceituada como aquela que é responsável por despertar o interesse do leitor, dirigir a atividade do jornalista e dinamizar o texto jornalístico à sua *intriga* peculiar (que talvez possa ser chamada de notícia). A *singularidade* do jornalismo (*segunda singularidade*) não seria apenas o fenômeno, mas o fato enquanto impacto sobre a sociedade. A *singularidade* se projeta como uma relação, como um eixo que é alcançado quando um determinado fato concreto (não só em sua manifestação fenomênica) é revelado em sua capacidade *singular* de provocar no público um exercício de mediação (de transformar as informações trabalhadas pelos jornalistas em ações no cotidiano).

Ainda sim, a *singularidade* só pode conseguir uma justificação como uma das categorias jornalísticas quando o Jornalismo não é definido apenas como a prática dos jornalistas, mas como um processo que se legitima e existe na relação entre o texto jornalístico (independente do formato), o leitor de jornal e o trabalho dos jornalistas. O Jornalismo seria uma transversalidade, ou seja, ele não se limita às características do seu texto, mas lhe dá as características; não é o resultado do trabalho dos jornalistas, mas forma o lugar de atuação, as diretrizes de sua ação e reconhece o resultado do seu trabalho; e está fortemente ligado por um processo de reconhecimento do leitor que acessa o jornal com um conhecimento que é, ele próprio, jornalístico. O Jornalismo seria por outro lado uma *força de síntese*, pois é o que une o texto, o trabalho dos jornalistas e os leitores num modo unívoco e *determinado de conhecer a realidade*. Aí sim, pode-se começar a falar de uma possível teoria do Jornalismo autêntica e integradora.

Enfim, a teoria de Genro Filho indicia uma potencialidade maior do que a própria intenção proposta por ele, que era a de explicar a prática profissional dos jornalistas e a estrutura dos textos noticiosos a partir de um sólido processo de abstração. O que o conceito de Genro Filho (o Jornalismo é uma forma de conhecimento fundamentada no ângulo da *singularidade*) proporciona é a constatação de que o Jornalismo não pode ser abordado teoricamente centrado sua justificação apenas na produção do texto, no modo como a matéria se apresenta ou na conduta do jornalista. Antes, num processo de aprofundamento da particularidade do jornalismo, é indispensável perceber como essa prática atua em um eixo de transversalidade, que corta todas as



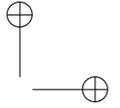
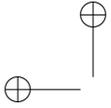
relações que lhe são pertinentes e, assim, consubstancia sua forma de agir, de ser e de dever ser. O conceito de *singularidade* de Genro Filho não indica apenas que a conduta do jornalista está indissociada do texto jornalístico, mas que o jornalismo, como eixo, como *força de síntese*, é definido e define-se justamente no processo dessa associação.

### Referências Bibliográficas

- AMARAL, Márcia F (org). *Olhares sobre o Jornalismo: A contribuição de Adelmo Genro Filho*. Santa Maria (RS): FACOS-UFSM, 2007
- ARISTOTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- ARISTOTELES. *Órganon: Categorias, Da interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofisticas*. Bauru (SP): EDIPRO, 2005.
- BACHELARD, Gaston. *A Formação do Espírito Científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org). *A Era Glacial do Jornalismo: Teorias sociais da imprensa*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2007.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org). *A Era Glacial do Jornalismo: Teorias sociais da imprensa*. Vol 2. Porto Alegre, Editora Sulina, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CHEPTULIN, Alexandre. *A Dialética Materialista: Categorias e leis da dialética*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.
- CORNU, Daniel. *Jornalismo e Verdade: Para uma ética da informação*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Para ler Kant*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002

- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GENRO FILHO, Adelmo. *Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.
- GENRO FILHO, Adelmo. *Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. In: AMARAL, Márcia F (org). *Olhares sobre o Jornalismo: A contribuição de Adelmo Genro Filho*. Santa Maria (RS): FACOS-UFSM, 2007. Palestra proferida no Encontro Regional de Estudantes de Comunicação (ERECOM) na PUCRS, 1987b.
- GOMIS, Lorenzo. *Teoría Del Periodismo: Como se forma el presente*. Barcelona: Paidós, 1991.
- GROTH, Otto. *Tarefa da Pesquisa da Ciência da Cultura*. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org). *A Era Glacial do Jornalismo: Teorias sociais da imprensa*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2007. Retirado da obra: GROTH, Otto. *Die Unerkannte Kulturmacht*, Vol 1. Original de 1961
- HEGEL, G. W. F (1830). *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio Volume 1: A Ciência da Lógica*. São Paulo: Loyola, 2005.
- HUGHES, Helen. *News and the Human Interest Story*. New Brunswick (U.S.A.): Transaction Books, 1981. Reimpressão da obra original de 1940.
- LEFEBVRE, Henri. *Para Compreender o Pensamento de Karl Marx*. Lisboa: Edições 70, 1966.
- LIPPMANN, Walter. *Public Opinion*. New York: Dover Publications, 1999. Originalmente publicado em 1922.
- LOPES, Maria I. V. (org). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Editora Loyola, 2003.
- LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma Estética Marxista: Sobre a categoria da particularidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978.

- MACHADO, Elias. *A Pesquisa Brasileira em Jornalismo (1987-2007) um balanço*. In: AMARAL, Márcia F (org). *Olhares sobre o Jornalismo: A contribuição de Adelmo Genro Filho*. Santa Maria (RS): FACOS-UFSM, 2007.
- MALDONADO, Alberto E. *Explorações sobre a Problemática Epistemológica no Campo das Ciências da Comunicação*. In: LOPES, Maria I. V. (org). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Editora Loyola, p. 205-225, 2003.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia Jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Editora Ática, 1986
- MEDITSCH, Eduardo. *O Conhecimento do Jornalismo*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.
- MEDITSCH, Eduardo. *O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?* Palestra realizada nos cursos de Arrábida Universidade de Verão em 1997. Disponível em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).
- MEDINA, Cremilda. *Notícia: Um produto à venda Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Alfa Omega, 1978.
- MORETZOHN, Sylvia. *Pensando Contra os Fatos: jornalismo e cotidiano do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- OSÓRIO, Pedro L. S. *O Segredo da Pirâmide Algumas notas e lembranças*. In: AMARAL, Márcia F (org). *Olhares sobre o Jornalismo: A contribuição de Adelmo Genro Filho*. Santa Maria (RS): FACOS-UFSM, 2007.
- RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo 1. Campinas (SP): Papirus, 1994.
- SOUZA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Editora Argos, 2002.
- SPONHOLZ, Lirian. *Entre Senso Comum e Ciência: O conhecimento híbrido do jornalismo*. *Revista Acadêmica Ciências & Cognição*; Vol 10: 02-14, 2007. Disponível em [www.cienciasecognicao.org](http://www.cienciasecognicao.org).



TAMBOSI, Orlando. *O Declínio do Marxismo e a Herança Hegeliana: Lucio Colletti e o debate italiano (1945-1991)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

TEIXEIRA, Tattiana. *O Segredo da Pirâmide, 20 anos depois*. In: AMARAL, Márcia F (org). *Olhares sobre o Jornalismo: A contribuição de Adelmo Genro Filho*. Santa Maria (RS): FACOS-UFSM, 2007.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são* – Vol. 1. Florianópolis: EDUFSC, 2004

TUCHMANN, Gaye. *La Producción de la Noticia: Estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1983

ZELIZER, Barbie. *Taking Journalism Seriously: News and the academy*. London: Sage, 2004.

